



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

“Pai Contra Mãe” de Machado de Assis: Um Olhar Sócio-Psico-Semiótico

Prof^a. Dr^a. Irene Zanette de Castañeda
Professor Associado III do Departamento de Letras da
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR
Professora Dra em Literatura Portuguesa
Especialista em Semiótica e Contação de Histórias
Membro da Academia de Letras da AFEPESP – São Paulo, Cadeira nº 1
São Carlos – São Paulo – Brasil
E-mail: irene@ufscar.br

Resumo: Este artigo procura fazer reflexões sócio psico - semióticas do conto de Machado de Assis: “Pai contra Mãe” e contextualizadas no tempo e espaço em que foi escrito. Primeiramente buscaremos, na Sociologia e na Psicologia, alguns “aspectos relacionais de identidade, num processo de identificação, e identização, em que os agentes tendem a diferenciar-se socialmente em relação com o outro, demarcando distâncias e fronteiras” (Pierre Tap (1966:12). Posteriormente, faremos uma análise semiótica do texto. Este, tido como unidade de sentido. Buscaremos integrar teorias que se complementam, sendo que a Semiótica seguirá os fundamentos greimasianos.

Palavras- chave: “Pai contra Mãe”; Machado de Assis; olhar sócio semiótico

RESUMO DO CONTO: Trata-se da história de Cândido Neves, homem pouco dado ao trabalho, porém, num momento de extrema crise econômica, e familiar, resolve caçar seu diferente ou escravos fugidos. Casa-se com Clara e têm um filho branco e homem. Protege-o pela dupla identidade. A crise econômica se agrava e Cândido se vê obrigado a caçar escravos fugidos. Quando o filho está em vias de ser entregue ao orfanato (Roda dos Enjeitados), Cândido descobre casualmente uma “mulata fujona”, com quem tem uma relação de desigualdade e diferença sociais e . Busca a mulher que é presa, apesar de sua súplica, uma vez que está grávida. Indiferente a sua situação e movido pelo egoísmo, Cândido amarra-a e a arrasta para seu “senhor” de quem recebe rica recompensa. Neste momento, trava-se outra luta provocando a morte do seu diferente, provocando nela o aborto. Paradoxalmente, para salvar seu filho, seu igual. Indiferente, ainda, às consequências advindas do aborto, Cândido volta para casa feliz livrando o filho do orfanato. Tia Mônica o perdoa, porque vem com a criança e com o dinheiro..

ALGUNS ASPECTOS SÓCIO-PSICOLÓGICOS DA IDENTIDADE E DA DIFERENÇA

Metodologicamente, buscaremos os fundamentos semióticos de linha greimasiana, posteriormente, algumas orientações teóricas psicossociológicas de alguns autores que foram relevantes para a realização deste trabalho. Assim, focaremos em: Gilberto Freire. **Casa Grande e Senzala**; Heloísa Toller Gomes: **O Negro e o Romantismo Brasileiro**. Lúcia Miguel Pereira,. **Prosa de Ficção**; Joaquim Nabuco. **O Abolicionismo**; Pierre Tap: A Sociedade Pigmaleão, TEIXEIRA Jr& Luiz Alexandre. **O Engenho Colonial**. Leonardo Trevisan. **Abolição: Um Suave Jogo Político**.

Antes de nos atermos à Semiótica, propriamente dita, realçamos a necessidade de fazer algumas considerações sociológicas no que se refere à identidade e à diferença sociais.

O conceito de identidade pela sociologia reforça o aspecto relacional. Uma identidade social implica dois processos, segundo Pierre Tap (1986:12): o processo pelo qual os indivíduos sociais se integram em conjuntos mais vastos de referência, com eles fundindo-se de modo tendencial (processo de identificação); e o processo em que os indivíduos tendem a automatizar-se e diferenciar-se socialmente, fixando em relação a outros, distâncias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identização)”.

De outro modo, poderíamos dizer que “alguém conta uma história de outro marcado por uma característica identitária, ou seja, pela cor branca, dotada de domínio sobre um grupo tido como diferente, ou seja, o negro, partícipe da escravidão. Os demais indivíduos estão com problemas econômicos. Enquanto a escrava trabalha, Cândido, elemento desempregado e branco, por dinheiro, provoca a prisão e morte de outrem. Dessa forma, inferimos que o texto é, portanto, um simulacro da história do homem branco dominador agindo sobre o homem negro e sobre o mundo. Um espetáculo. São homens brancos que buscam valores, ou seja, o dono da escrava busca o objeto-valor: direito à propriedade e Cândido, o dinheiro e a manutenção da família com o filho, branco e homem: dupla identidade que o satisfazem. Enquanto o elemento diferente, a escrava Arminda, negra, o objeto-valor: liberdade, que não consegue, devido sua condição social, ou diferente, de escrava. O branco pertencente a uma macro estrutura social, a dos brancos dominantes e são marcados pela integração e vencem a luta contra os diferentes, os negros-escravos, desintegrados..

ANÁLISE SEMIÓTICA

A seguir, faremos uma análise semiótica do texto seguindo a linha greimasiana. Entenda-se por Semiótica greimasiana, “a teoria que procura explicar os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo. (BARROS,2007:8), ou ainda:” a Semiótica tem por objeto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.”(BARROS, 2007:6)

Iniciaremos pelo percurso gerativo do sentido. Analisaremos o nível fundamental, a narratividade complementada com alguns elementos do nível fundamental e discursivo. Fundindo-se as análises, faremos uma abordagem de alguns aspectos sociológicos e psicológicos de alguns aspectos da obra.

Se considerarmos o sentido do texto construído como um percurso em etapas, podemos descrevê-las, tomando por base, uma relação que vai do mais genérico para o mais específico, do mais abstrato para o mais concreto e do mais simples para o mais complexo.

Assim, podemos considerar o texto “Pai Contra Mãe” construído em três níveis; sendo que no primeiro, o fundamental, privilegia o lógico-conceitual associado às oposições:

Vida e morte;
Liberdade e escravidão;
Privação e abundância;
Otimismo e pessimismo;
Amor e indiferença;
Riqueza e pobreza;
Advertência e desobediência;
Egoísmo e altruísmo;
Emprego e desemprego;
Ordem e desordem;
Dominação e submissão.

O segundo nível, o narrativo, trata do jogo de sujeitos em busca de objetos – valor. Fala dos conceitos materializados em forma de narrativa em que entra em jogo o arranjo das expressões como:

- a) Um sujeito “Cândido” não tem dinheiro e não quer trabalhar, mas quer viver do lucro. Trata-se de um sujeito privado de dinheiro, e prestes a perder outro objeto de valor, o filho, espolia outro sujeito, a escrava, privando-a de seu objeto-valor : sua liberdade
- b) O sujeito “Cândido” emprega-se como caçador de escravos (emprego vago). Empreende sua busca do objeto de valor-dinheiro, simbolizado pela prisão da escrava e devolvida para seu Dono. O sujeito “Cândido” priva a negra escrava de sua liberdade e de seu filho. Ao privá-la de seu filho, ele consegue conjungir com seu filho que estava prestes a estar disjunto de seu pai.

Quando tratamos das oposições básicas: liberdade e prisão, vida e morte, podemos dizer que o texto se constrói sobre uma oposição semântica. Assim, seguindo o percurso da negra ou “mulata”, este vai da prisão (subentendida) à liberdade e da liberdade à prisão. O percurso das crianças cruza-se de forma simétrica, construindo

um quiasmo. Enquanto o filho da escrava segue da vida para a morte, o do branco vai da “perspectiva de morte” para a vida. Com relação aos protagonistas: enquanto se nega a liberdade do negro, afirma-se-lhe a prisão, paradoxalmente, enquanto se afirma a liberdade do branco, nega-se-lhe a prisão. Liberdade e prisão, vida e morte dependem, portanto, exclusivamente da decisão do homem, ou mais propriamente, no texto, do branco, condutor exclusivo do destino humano, sobretudo para seu próprio benefício.

O último nível trata do discursivo. Este nível é, portanto, o lugar privilegiado para instalação das ideologias, sobretudo do discurso político e social em que entram em cena as ideologias escravista, materialista, burguesa, capitalista, patriarcal, católica, etc.

“As estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação faz uma série de escolhas, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e conta ou passa a narrativa, transformando-a em um discurso.”(BARROS, 2007:53). Há no nível discursivo uma relação que a enunciação estabelece entre enunciador e enunciatário, entre destinador e destinatário. O discurso a que estamos analisando, é produzido como meio de persuasão para convencer o enunciatário da “verdade” do seu texto.

Ao nos reportarmos ao contexto histórico em que a obra foi escrita, notamos que o conto pode ser ficcional, mas as questões escravistas denunciadas são verdadeiras, e, provavelmente, presenciadas pelo sujeito da enunciação.

O discurso é produzido em primeira pessoa, cuja finalidade é obter um aspecto da verdade de quem diz e do que se diz. No texto, emprega-se a desembreagem enunciativa, em primeira pessoa, para dar um tom de subjetividade e aproximação dos fatos narrados. Em primeira pessoa fabrica-se um efeito de sentido de subjetividade dos fatos que foram vividos e narrados por quem os presenciou. Este os passa com certa ‘parcialidade’ porque se trata de ficção e não de um documentário jornalístico. Embora o texto seja ficcional, há elementos relativos ao tempo, ao espaço, à situação social dos negros escravos e à situação econômica dos desempregados. Tais elementos são figurativizados. São figuras que expressam temas relevantes aos momento histórico em que vivia Machado de Assis. O autor, com toda sua habilidade de artista, de escritor irônico, fez uma denúncia sobre fatos trágicos ocorridos, mas se utiliza das figuras, sobretudo da ironia para o

destinatário pensar. Apenas no início do texto, faz descrições de fatos e instrumentos verídicos utilizados na escravidão para reforçar o realismo que caracteriza este texto, isto é, o texto é ficcional, mas não deixa de mostrar verdades de seu tempo.

A seguir trataremos da determinação pulsiva em relação aos conteúdos: positivo e negativo.

O texto mostra algo visto como positivo e algo como negativo. Do ponto de vista da sociedade escravista, a liberdade do escravo é vista negativamente, ao passo que, do ponto de vista do escravo, e dos abolicionistas, têm sentido positivo. Cândido, através de um contrato fiduciário com o “senhor”, atualiza esta negação. A liberdade é, portanto, disfórica para uns e eufórica para outros. Para o destinatário, contra a escravatura, o texto, de um modo geral, é disforizante, uma vez que a liberdade tem um sentido positivo, mas não é concretizada, e prisão, sentido negativo, injusto e atualizado. O eufórico, para a época, e para determinadas classes sociais, é a ordem simbolizada pela prisão do escravo fugido. É disfórica a falta de dinheiro, o emprego vago, a liberdade do negro, a desunião familiar, e a ausência de um filho (varão) em casa. Finalmente, considerando o texto como um todo, apesar do aspecto eufórico caracterizador do branco, a marca disfórica predomina na sua essência, detectada pelas ironias do autor, figurativizando aspectos sócio-histórico-culturais de determinado tempo e espaço.

“Pai Contra Mãe” é um texto narrativo e argumentativo. Narrativo, enquanto processa mudanças ou transformações. Onde sujeitos buscam objetos-valor. Conjugem ou disjugem com eles. E é argumentativo, enquanto veicula uma ideologia, ora defendendo-a, ora rejeitando-a, dependendo do ponto de vista.. Assim, Arminda, a escrava fugida, busca o objeto-valor liberdade.. Está de posse da liberdade e de seu filho em seu ventre.. Por outro lado, Cândido, desejoso de ficar com o seu, não tem condições, uma vez que se encontra sem dinheiro, sem emprego, sem alimento e sem habitação. É um sujeito da privação e busca também seu objeto-valor conservar seu filho ao seu lado. Para atingir seu objetivo principal, precisa do valor dinheiro, porém, para consegui-lo, tem que prender uma escrava e devolvê-la ao seu “senhor”. Ele espolia o sujeito escrava e se apropria da recompensa.

Isto equivale a dizer que temos uma narrativa de aquisição ou transformação reflexiva, isto é, Cândido faz a si mesmo “realizar-se” financeiramente, com cem mil réis que recebe como recompensa pela captura. Trata-se de uma apropriação, uma vez que passa de uma situação de carência ou de privação, para uma situação de autodoação, tornando-se, assim, um indivíduo realizado. Por outro lado, quando a escrava é presa por Cândido, temos uma transformação transitiva ou uma narrativa de espoliação, uma vez que ele faz a escrava passar de livre à prisioneira.

Quanto ao texto argumentativo, ele o é na medida em que veicula uma ideologia antiescravista subentendida pelas ironias do autor com relação aos opressores, além das ações cometidas contra a negra escrava. Vence o capitalismo com a conjunção do objeto-valor dinheiro. E com ela, tem salva a vida da criança branca e morte da negra. O branco, aqui, representa o Poder.

A realização da transformação pela personagem principal pressupõe que este esteja de posse da competência, isto é, do conhecimento como condição necessária para conseguir seu objetivo. Assim, Cândido fica sabendo pelo jornal que uma escrava fugira. Arma-se de uma corda de sai à procura da mulher descrita no anúncio. Ele conhece o segredo e está apto a realizar a captura, isto é, o está de posse de um SABER – FAZER que lhe dá condições de transformar a escrava de livre à prisioneira.

Cândido é, portanto, competente, pois possui todas as qualidades necessárias para realizar seu objetivo. É, portanto, performativo. Manipulado pelo dono da escrava, (símbolo do capitalismo) representante da sociedade escravista, que o leva a um DEVER – FAZER, mantendo a ordem do sistema e defendendo o direito de propriedade do “senhor”. Por outro lado, movido pela pobreza, inaptidão para outro serviço, e pela necessidade de dinheiro, com o qual conservaria o seu filho ao seu lado, desperta nele um QUERER – FAZER. Além da força física tem a aprovação da sociedade escravista para agir. É forte, corajoso, ágil, paciente e astuto.. Pode, portanto, transformar uma situação em seu favor. Através dos jornais, mune-se do conhecimento sobre as características dos escravos fugidos, age e é avaliado tendo a aprovação do seu superior e da sua família. É sancionado positivamente.

A seguir, trataremos da manipulação: dos contratos e rupturas que ocorrem no texto.

Entende-se por manipulação o ato de persuadir ou levar um indivíduo a realizar uma ação direta ou indiretamente. Para verificar como isto acontece no texto, temos que entender a narrativa como uma sucessão de estabelecimentos de contratos e rupturas entre alguém dotado de raciocínio, muitas vezes, maquiavélico, marcado pela astúcia, contra alguém carente economicamente, pela fragilidade diante do sistema vigente que valoriza o branco e o dinheiro.

Inicialmente, Tia Mônica tenta estabelecer um contrato com Cândido para que busque um trabalho certo, que lhe dê segurança econômica e familiar. No entanto, há uma ruptura com esse contrato, caracterizando uma desobediência, visto que parecem representarem ideologias discrepantes, apenas em nível de aparência.. Com relação à Tia Mônica, a manipulação acontece da seguinte maneira:

a) Por sedução:

“Não fique zangado; não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga”. (p.32)

b) Por intimidação:

“Se tiverem um filho, morrem de fome...” (p.31)

c) Por provocação:

“...mas em que é que o pai dessa infeliz criatura que aí vem, gasta o tempo?” (p.32)

“Tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à Roda dos Enjeitados. Em verdade, não podia haver palavra mais dura...” (p.34)

d) Por tentação:

“...mais tarde, quando o senhor tiver a vida mais segura, os filhos que vierem serão recebidos com o mesmo cuidado que este ou maior. Este será bem criado sem lhe faltar nada...”
(ASSIS,1990: 35)

Embora Tia Mônica exercesse todos os tipos de manipulação sobre Cândido, foram vãs suas investidas. Não houve estabelecimento de contrato, e as consequências foram inevitáveis. Por outro lado, há um estabelecimento de contrato com outro destinador: o dono da escrava. Este manipula por tentação um indivíduo que se vê no mais alto grau de carência econômica. Os valores oferecidos são aceitos. São cem mil réis pela captura da “mulata fujona”. Esta manipulação tem dupla vantagem: volta da escrava para seu proprietário, restabelecendo-se a ordem social vigente na época da escravidão e preservando o direito de propriedade; e a volta do filho de Cândido para o seu lar. Isto não exigia muito esforço por parte de Cândido, nem o forçava a sentir-se prisioneiro, no emprego fixo qualquer que fosse.

Associada à questão manipulatória, há, em todo o texto, a arte do paradoxo. Vejamos, por exemplo, a marca maior de Cândido: ama a liberdade, porém vive dos benefícios da prisão alheia. Ao aceitar o contrato com o destinador escravista, passa a fazer o papel de caçador de escravos, sem estar vinculado a nenhuma instituição diretamente que o prenda. Dessa forma, aprisiona outrem para continuar livre. Une assim, o útil ao agradável. Rejeita os valores impostos por Tia Mônica e aceita os do “senhor de escravos”. “Grosso modo”, figurativiza o burguês que nada produz, mas quer viver do lucro a qualquer custo.

À vista do exposto, concluímos que, em nível aparente, pouca é a importância dada à questão escravista, porém a imanência do texto demonstra o contrário, isto é, o ponto de vista da enunciação, veicula-se uma ideologia antiescravista denunciada que é expressa, de forma metafórica. Há certo realce, no texto, dos problemas graves advindos da escravidão que, por sua vez, são gerados pelo egoísmo, maior responsável por essa espécie de miséria humana.

Aquisição e privação de valores constituem um sincretismo na narrativa machadiana. A aquisição por apropriação é correlata à privação por espoliação. Este processo é decorrente da manipulação. Depois de manipulado, dotado de certo

saber específico, Cândido passa a executar a ação encomendada a de prender a escrava, de devolvê-la ao seu proprietário. Assim, a sua liberdade está vinculada ao emprego incerto e a volta do seu filho para casa. Tais atitudes levam à prisão e à espoliação da escrava. Esta figura, o quiasmo, é realçada durante todo o texto. Estabelece-se, aqui, um conflito que se estabelece entre os dois, configurando uma luta por valores. Estes implicam uma dialética inconciliável. Nesta luta desigual, a negra é a mais fraca, por causa de sua condição de escrava e negra, portanto, sai como vencida. Verifica-se, aqui, que a hierarquia de atitudes está associada à hierarquia de valores sociais. Os brancos detêm o poder social, político e econômico, enquanto os negros são desqualificados e colocados em escala de inferioridade.

Esse processo é desmascarado como veremos a seguir.

Dois são os tipos de julgamentos estabelecidos no processo narrativo: um de nível cognitivo e outro de nível pragmático. Um leva ao reconhecimento do herói, paradoxalmente ao desmascaramento do vilão; o segundo é encarregado de avaliar pragmaticamente com a retribuição sob forma de recompensa ao seu adjuvante ou punição ao fora da instituição escravista. A avaliação pragmática pressupõe a cognitiva, e ambas se caracterizam como processo de doação de valores que modificam a essência do ser do indivíduo.

No texto de Machado, esta avaliação acontece tanto no nível cognitivo como no pragmático. É a cognitiva no momento em que há um reconhecimento da escrava:

“- Aqui esta a fujona, disse Cândido Neves
- É ela mesma”. (ASSIS, p. 39)

E pragmática, quando o “senhor” paga Cândido com uma boa recompensa:

“... o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil réis de gratificação”. (p 40)

O desmascaramento do vilão se processa através das ironias do narrador. Ele sanciona cognitivamente e negativamente o fazer de Cândido que, num nível de

manifestação, aparece “vestido” de herói. A palavra final desmascara o seu fazer: “desgraça”.

“...e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre”. (ASSIS,1990:.40)

Como já reiteramos, anteriormente, não é difícil entrever, através dessas considerações e das ironias, uma ideologia antiescravista desmascarada pela sanção ou julgamento do narrador e/ou da enunciação.

Podemos falar ainda numa espécie de sanção deixada para o leitor, que, no final do conto, sente-se sensibilizado pelo clima emotivo provocador. Se tomarmos por base esta perspectiva, torna-se possível identificar uma censura por parte de Machado de Assis. Assim, inferimos uma ideia abolicionista, ainda que embrionária, tida como denúncia de um crime impune e institucionalizado na época em que o ficcionista viu vivenciarem. Tal situação deixa o destinador, contrário à escravidão, indignado com o que acontecia com o povo negro escravizado.

Tia Mônica, outra personagem desmascarada, no final, torna-se conivente às atitudes de Cândido, uma vez que sanciona positivamente o seu FAZER, quando aceita o neto porque vem com o dinheiro. Demonstra uma atitude hipócrita. Sanciona, sim, negativamente, a escrava pela fuga e pelo aborto, demonstrando também um comportamento escravista mascarado. Tem uma atitude aparente de virtuosa, no entanto, é desmascarada pela inversão de sua fala anteriormente pronunciada.

“Tia Mônica, ouvida a explicação, perdoa a volta do pequeno, uma vez que trazia os cem mil réis. (ASSIS,1990:.40)

Finalmente Cândido, com extrema indiferença pela desgraça alheia, sanciona seu próprio fazer de forma positiva:

“O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco. (ASSIS,1990: 40).
E completa com uma justificativa também hipócrita e perversa:

“Nem todas as crianças vingam, bateu o coração.
(ASSIS,1990:.40)

O dizer verdadeiro é posto, não somente ao problema da verdade como uma adequação ao referente e de uma comparação com o mundo, mas da organização interna do texto associada metaforicamente àqueles elementos. Forster, neste sentido, afirma que as personagens “são reais não por serem como nós, mas porque são convincentes.” (1969:.48).

Algo semelhante sucede no texto, além do autor criar efeitos de sentido de verdade ou de falsidade, há um sincretismo entre ambos, isto é, poucos são elementos diferenciadores entre História real e ficção. Ambos elaboram sua verdade a seu modo, sendo que o histórico é facilmente identificável, uma vez que pode ser inserido no contexto social de uma determinada época. Enquanto um parece ser verdade (ficção), outro é a verdade (História da época em que a obra foi escrita), embora subentendida e metaforizada. Para que possamos identificar essa verdade, precisamos realizar uma leitura interpretativa ,contextualizando-a, junto com o fazer interpretativo do narrador, autor negro, que viveu neste momento sócio histórico escravista)

O fazer interpretativo instalado no texto diz ser verdadeiro ou não o estado de uma personagem. De um estado de parecer passa-se ao não ser. Aparentemente, Cândido é um trabalhador perseguido pelo azar. Parece altruísta, preocupado com seu filho, no entanto este seu estado é mentiroso. Vejamos como isto se processa no texto:

“Cândido queria ter em que trabalhar, quando casasse... (p.30)
(...) Cândido quisera fazer outra coisa, não pela razão do conselho, mas por simples gosto de trocar de ofício; seria um modo de mudar de pele ou de pessoa. (...) Não tinha emprego certo. (p.31) (...) é o que ele chama caiporismo”.
(ASSIS,1990:.29)

Tia Mônica se encarrega de mostrar o estado mentiroso de Cândido:

“Vocês verão a triste vida, suspirava a Tia Mônica. (p.32) ... mas em que é que o pai desta infeliz criatura que aí vem gasta tempo? (...) Você passa semanas sem vintém... (ASSIS,1990:.32)

Por outro lado, um estado secreto instala-se, onde o não parecer se manifesta como ser.

“... não digo que você seja vadio, mas a ocupação que escolheu é vaga. (p.32) Vocês devem tudo; a carne e o feijão vão faltando. ASSIS,1990:.35)

Em seguida, seu estado é interpretado como verdadeiro:

“Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício”.. (ASSIS,1990: 29)

Contra-pondo-se as considerações iniciais do narrador, em que retrata um quadro da escravidão da época, com a história de Arminda e Cândido, propriamente dita, observa-se que, no início, há um afastamento com relação ao ponto de vista, ao passo que, no final, a sua intervenção é evidente. Vejamos:

“Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento de força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicatórias. (...)

(...) Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel.

(...)

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. (ASSIS,1990: 28)

“... a escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta que de costume, mas entendeu logo que

ninguém viria liberta-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus. (...)

- Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! (ASSIS,1990:.39)

Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejante (...) No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta, a escrava abortou. (ASSIS,1990:. 39)

Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre.(ASSIS,1990:39) (Grifo nosso)

CONCLUSÃO

Levando-se em conta estas considerações, inferimos que o texto de Machado de Assis não inclui somente uma questão individualista das personagens, sobretudo quando retrata a personificação do egoísmo humano. A grandeza de sua arte resulta também de uma conscientização de uma luta desigual entre o branco poderoso e o negro escravo, caracterizando um momento histórico que define a existência de um sistema injusto e cruel. Patriarcalismo, religião católica, superstição, capitalismo comercial configuram a burguesia dominante, condicionando a gênese da obra.

A leitura do texto levou-nos, ainda, a entrever seu caráter polêmico: tudo parece estar bem, quando tudo está mal; a riqueza do branco depende da miséria do negro; a liberdade do branco depende da escravidão do negro; a vida do branco depende da morte do negro; branco vadio sem castigo, e negro que não trabalha é castigado; o dinheiro traz a liberdade para o branco e a prisão ao negro; preocupação do branco com o branco e indiferente à sorte do negro; o branco parece animalizado e o negro humanizado; a cegueira, a loucura e a inconsciência do branco opondo-se à sinceridade da negra; a beatitude do branco (Cândido, Clara) e o ceticismo do narrador; a conivência do branco com relação à injustiça social, ao desrespeito à mulher grávida, e à aceitação do poder opressor em oposição à

revolta; ao inconformismo e à opressão; beijo e carícia ao branco e corda para amarrar a escrava; branco esperto e negro inocente; o branco brada e o negro quer gritar; lágrimas verdadeiras da alegria do branco e de dor e de tristeza da negra.

O texto, portanto, apresenta-se como um espetáculo que representa a ação do homem no mundo. O que fizemos até aqui foi descrever este espetáculo e de seus participantes. Verificamos como certos homens estão em busca de valores simbolizados pelo dinheiro e geradores de conflitos marcados pela história da escravidão, no Brasil, no século XIX. Enfim, como o enunciador se posiciona em relação favorável ao negro, de forma subentendida e metaforizada e contra o branco escravista de forma irônica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Pai Contra Mãe ; In Relíquias da Velha Casa. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1990.**

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do Discurso, Fundamentos Semióticos.** São Paulo: 1^a Edição, Ed. Atual, 1988

_____. Teoria Semiótica do texto.. São Paulo, Editora Ática, 2007

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala.** Brasília: Ed. UnB, 1963.

GOMES, Heloísa Toller . **O Negro e o Romantismo Brasileiro.** Rio de Janeiro: Ed. Atual, 1988.

MIGUEL PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção. (1870 – 1920).** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1957.

NABUCO, Joaquim. **O Abolicionismo.** São Paulo: 2^a Edição, Companhia Editora Nacional, 1938.

TOAP, Pierre. A Sociedade Pigmaleão, Viseu:Ed. Instituto Piaget,1966.

TEIXEIRA Jr., Luiz Alexandre. **O Engenho Colonial.** São Paulo: 5^a Edição, Ed. Ática, 1987.

TREVISAN, Leonardo. **Abolição Um Suave Jogo Político.** São Paulo: 1^a Edição, Ed. Moderna, 1988.